

EM MEMÓRIA ÀS VÍTIMAS

Ato contra a violência em AL



Fotos: Yvette Moura

Parentes de vítimas, comunidade acadêmica da Ufal e a sociedade civil plantaram um bosque simbólico

IRACEMA FERRO
iracemaferro@ojornal-al.com.br

A Universidade Federal de Alagoas (Ufal) promoveu ontem o 11º Ato em Defesa da Vida. Em lembrança das vítimas da violência que assola o Estado, foram plantadas mudas de árvores numa área ao lado do Centro de Tecnologia (Ctec) do campus A.C. Simões. O ato faz parte do projeto Ufal em Defesa da Vida e reuniu familiares de alagoanos que foram assassinados, representantes da comunidade acadêmica e da sociedade civil organizada.

Durante o evento, as famílias relatavam o drama enfrentado por cada uma delas por causa da morte de seus entes queridos e demonstravam sua indignação diante da impunidade com os autores dos crimes. Alguns mais expressivos e outros silenciosamente.

Familiares do endocrinologista Francisco Rodrigues Freire, que foi assassinado em 2007 no Prado, também estiveram no campus A.C. Simões para plantar uma muda. Usando camisa em homenagem a ele, os parentes perma-

neceram em silêncio durante todo o tempo.

O irmão do estudante Johnny Pino, que foi morto por um disparo efetuado por um policial militar depois que um amigo dele furou uma blitz nas proximidades da Ufal, era um deles.

"O crime foi julgado no ano passado e o policial foi condenado por homicídio culposo, ou seja, o júri acreditou que ele não tinha intenção de matar. Não perdeu a farda, nem preso ele foi porque a pena foi revertida em serviço comunitário, que consistia em assistir palestras semanais sobre drogas durante oito meses. Isso é Justiça? Esperamos a Justiça divina: é na fé que nossa família se apóia para prosseguir", assinala.

A mãe da estudante Giovanna Tenório (que foi assassinada a tiros há um ano e teve seu corpo abandonado num canal), Catarina Tenório, plantou uma canfístula em lembrança da jovem. "É muito importante esta plantinha que representa a vida. A Giovanna era muito ligada à natureza e escolhemos esta árvore porque ela gostava de árvores floridas. Estamos caminhando porque nos apegamos ao Senhor, mas tem sido muito difíceis nossos dias desde que a Giovanna foi brutalmente tirada de nós. Toda a família sofre essa perda", lembra.

Familiares das vítimas da violência fizeram uma oração pela Paz em Alagoas



Parentes das vítimas estavam muito emocionados relembando a perda

Histórias estão no blog do movimento

Depoimentos como estes, com variações sobre as vítimas, demonstram a dor das 126 famílias que se fizeram presentes ao evento. Estas famílias têm suas histórias contadas num blog elaborado pelo projeto (<http://ufalem-defesadavida.blogspot.com.br/>).

Cada família plantou uma muda, produzida na própria universidade, e ao lado foi afixada uma placa com o nome do ente querido que foi morto. As famílias puderam escolher o tipo de árvore a ser plantada entre ipê-roxo, pau-ferro, pau-formiga, paineira, angico, braúna, aroeira, craibeira, canafístula, ouricuri e cajá. Ao centro do bosque foi plantado pela família do policial federal Eduardo Batista Júnior (morto durante uma tentativa de roubar seu carro no bairro da Jatiúca) um baobá, espécie de origem africana, de grande porte e muito forte. A família do policial foi escolhida para plantar esta espécie representando os negros, que são a maioria

das vítimas da violência em Alagoas.

Segundo a coordenadora do projeto, a cientista política e professora Ruth Vasconcelos, a ideia é fazer um bosque (o Bosque em Defesa da Vida) para manter a lembrança das pessoas que tiveram suas vidas brutalmente ceifadas. Ela afirma que conhecer as histórias destas famílias é humanizar os dados. "É acima de tudo um gesto de solidariedade, não precisamos perder alguém para entender a dor destas pessoas", define.

"São mais de 17 mil assassinatos em Alagoas nos últimos dez anos. Não podemos aceitar como natural esses índices de violência. Dentro do processo educacional temos que ensinar que não precisamos matar o outro porque pensamos diferente, vivemos diferente", defende.

"O Estado precisa desarmar o cidadão, enquanto o cidadão tem que desarmar seu espírito, resolvendo as diferenças no diálogo", avalia Ruth Vasconcelos.